Kamille

Amanhece uma Esperança

Copyright© 2019 – Maria Germana de Campos Martins

TÍTULO DA OBRA
Kamille

SUBTÍTULO DA OBRA
Amanhece uma Esperança

AUTORA
Germana de Campos

EDIÇÃO
Cláudio Roberto Martins
Germana de Campos

DESIGN GRÁFICO
Cláudio Roberto Martins
cl.roberto.martins@gmail.com

REVISÃO
Méri Cristiane Sartori
meri.sartori@gmail.com

DADOS DA AUTORA
Germana de Campos
m.germana.campos.martins@gmail.com
@germanadecampos

Ambientação

Os imigrantes Europeus trouxeram o conhecimento no trato com a terra da qual se estabeleciam e assentaram no sul do Brasil. Onde os pastos verdejantes e densas florestas aos poucos deram vida a grandes plantações de grãos e uvas, estas para serem utilizadas na fabricação de vinhos.

Novas etnias entre a população local, aos poucos se habituavam a morada, incorporando e ditando regras de convívio social, trazendo consigo costumes para aplicar ao povo culturalmente pouco desenvolvido, levando muitas vezes ao preconceito entre as raças e o poder. Ao longo dos anos a riqueza era acumulada, principalmente de terras produtivas e prósperas manufaturas.

Os afortunados tomavam posse das melhores propriedades, restando à grande maioria apenas o trabalho braçal nos campos e fábricas, para o sustento familiar.

Tomado pela intolerância e preconceito, um homem abastado lançou um casal enamorado à miséria, pois uma gravidez inesperada fora do matrimônio era visto como inaceitável em uma sociedade rígida, levando uma família a habitar na dor por várias gerações.

Germana de Campos
10/03/2008

Prólogo

Carregar os segredos do passado é um fardo tormentoso, o portador observa a miséria da família, mas não é capaz de se libertar. Mas pressente as consequências da revelação que virá em forma de furacão…

Ao perder o pai na infância, Feliciano passou a viver sozinho. Destemido, estava disposto a ir a qualquer lugar aonde o vento o soprasse. Forte e trabalhador ele deixou para trás muitos amigos ao longo do caminho.

No dia em que completou quinze anos, Anelise se deslumbrou com as fitas e rendas para seu vestido de festa, e viu nos olhos azuis do bonito rapaz, atendendo atrás do balcão do armazém, o reflexo do seu futuro.

Depois do casamento Feliciano continua com seu trabalho rigoroso, e se orgulha da linda família que o resgatou da solidão, o seu maior tesouro.

Num dia frio de inverno um homem desconhecido cruza o caminho de Feliciano e lhe revela segredos perturbadores. Ao compartilhar as revelações com a sua amada Anelise, Feliciano ficou preocupado, mas ela confiou em suas determinações.

A casa de Feliciano habita na serenidade da sua conduta, apesar de viver na pobreza a família é rodeada com muito amor. Trabalham desde o despertar do galo até o noitecer, mas aos domingos o trabalho rigoroso do campo dá uma trégua. Então no pátio da igrejinha o povo se reúne em conversas amistosas e festejos típicos.

Desde a infância Kamille acolhe os irmãos com carinho, e alheia à tormenta é na sua fortaleza que a família deposita o futuro.

Capítulo 1

O sol se punha no horizonte quando Feliciano, o agricultor robusto, descansa seu material de trabalho com um sorriso satisfeito. O dia tinha sido proveitoso. As sementes estavam todas distribuídas na terra fértil. Com tempo bom e chuvas regulares, em alguns meses teria muitas sacas de feijão para vender no armazém local.

O trabalho duro não extingue lhe o sorriso glorioso e Feliciano aprecia a extensão de terra revolvida, ambicionando ver o espanto do senhor Agostini, quando descarregar suas sacas do precioso produto.

Seu olhar buscou os filhos brincando nas proximidades, e agradeceu intimamente a meiguice de Kamille, entretendo o irmãozinho, Jonathan de três anos, no aceiro do roçado.

Continuamente Feliciano trazia os filhos consigo, para poupar a esposa de preocupações, deixando-a apenas com o bebê recém-nascido. Então, orgulhoso, o pai se aproximou das crianças, e fascinado com suas risadas cristalinas sentiu o cansaço diminuir a cada passo.

Os cabelos louros e cacheados de Kamille emolduravam suas feições, deixando-a ainda mais parecidos com o de sua mãe. A menina de onze anos, esguia e delicada era o orgulho de Feliciano, que achava impossível haver criatura mais linda sobre a terra.

Os cabelos brilhantes caiam em cascatas pelos ombros e iluminados pelos últimos raios do sol reluziam como ouro derretido. Nos grandes e expressivos olhos azuis, ela exibe doçura e inocência feliz. A delicadeza com os irmãos pequenos demonstrava a sua imensa bondade, assim como o respeito à natureza, desde as minúsculas criaturas a mais temível tempestade.

Ao se aproximar passivamente das crianças Feliciano observou-os com atenção antes de se manifestar. Colhido na palma da mão do menino um grilo devorava uma haste suculenta

de grama, incentivado pela supervisão atenta da irmã. Ante a temeridade do menino Kamille estimulava-o com simplicidade.

- Vamos Jô, não tenha medo… Ele não vai comer seu dedo. Este corajoso grilo só gosta de coisas verdes e macias.

Diante do sorriso encorajador o menino sorriu hesitante e alimentou o bicho esquisito. Feliciano agachou-se ao lado e apreciou o velho grilo com expressão divertida.

- Sabem o que esse grilo representa?

Elas se voltaram surpresas com o interesse do pai. Com um meneio de cabeça e expectativa os filhos esperam a importante revelação. Feliciano desviou o olhar do bicho e mirou-os com seriedade.

- Esperança! Sempre que encontrarem uma destas criaturas verdes, e desejarem algo com bastante vontade é sinal que vai dar certo!

As crianças fitaram o grilo com um novo interesse. Depois de um momento, Feliciano levantou-se e falou brando, ansioso para retornar ao lar e rever sua adorável esposa.

- Coloquem-no no ramo daquela árvore e vamos para casa. A mamãe deve estar nos esperando com um delicioso pão quentinho!

Imediatamente as crianças obedeceram e voltaram correndo para os braços do pai. Feliciano colocou o menino sobre os ombros e aguardou Kamille recolher os pertences do lanche e se puseram a caminhar.

Jonathan, com cabelos avermelhados e pele salpicada de sardas marrons, tinha apenas três anos, mas demonstra grande animação, sentado sobre os ombros do pai. Feliciano retirou o chapéu de palhas da cabeça para que o filho pudesse ver mais longe e sorria ao sentir os dedinhos inquietos revolver os seus cabelos desgrenhados. Ao prosseguirem através das picadas do caminho, sorriam e conversavam enquanto Kamille corria para acompanhar as passadas largas do pai.

O caminho por onde andavam, em alguns trechos ficava quase intransponível pela vegetação desordenada, obrigando-os a desviar dos galhos espinhosos grudando em suas roupas desgastadas. As botas encardidas de Feliciano afundavam na profu-

são de relva, evolvendo-lhe as pernas até quase a altura dos joelhos. Kamille quase desaparecia para alcançar as pegadas do pai. Seu riso alegre e cristalino ilumina lhe o rosto mesmo quando ela tropeça e cai no capim.

As dificuldades das famílias de agricultores, não conheciam limites. Desde o amanhecer, até a noite tombar sobre a terra eles trabalhavam incessantemente. A grande extensão de terra lhes permitia cultivos diversificados, mas era extenuante o cabo da enxada para um homem sozinho como Feliciano. A fragilidade das crianças, logo era superada para vencer as dificuldades da lida, porém no seio familiar os filhos eram acolhidos na dedicação do pai atento.

Para superar os obstáculos do caminho, e regatos cortando a paisagem, Feliciano segurava a filha pela cintura e a colocava na outra margem, mesmo contra a sua obstinação, que imaginando ser grande o suficiente, desejava seguir sozinha. Porém sua impertinência logo cedia lugar à animação, e Kamille voltava à tagarelice caminhando resoluta na frente do pai.

Ao longe, a casa tosca desponta acolhedora em meio ao vale de pastagem verdejante, onde a fumaça saindo em rolos pela chaminé, indicava uma refeição quente. O pai colocou o filho no chão ao sentir lhe a inquietação de correr ao encontro da mãe, que os observava do quintal, com o bebê de apenas dois meses nos braços. Em poucos instantes as crianças dispararam morro abaixo ao encontro da mãe sorridente.

Feliciano respirou profundamente e sorriu prazeroso ante a cena encantadora. Ter uma família e ser recebido pela bela esposa depois de um dia inteiro sob o sol escaldante, era recompensador. Agradecia a vida que tinha, apesar dos percalços e da pobreza, almejava um futuro promissor. Porém algo estava deixando-o angustiado. Sua amada esposa não recuperara a saúde depois do parto complicado do nenê que ela segurava amorosamente nos braços.

‘Ao perceber que a parteira local não conseguia ajudar sua esposa, Feliciano buscou a carroça do vizinho e improvisou um leito para conduzi-la ao hospital. A estrada esburacada e a longa distância contribuíram muito para a debilidade dela. Na

época, o médico que fizera o parto alertou Feliciano quanto à saúde da mulher, principalmente depois da gestação precária. E ante o horror descrito no semblante dele, o médico afirmou com gravidade, que a anemia profunda poderia progredir em leucemia; principalmente após a última gravidez'.

Frágil, Anelise parecia se quebrar como um cristal ao mais leve toque. Feliciano sentia-se impotente e atormentado ao vê-la sofrendo calada em agonia. Ela procurava esconder sua infelicidade, mesmo quando seus dias se tornavam difíceis.

Agora, observando-a a distância, acalentando os filhos com carinho, Feliciano implorou misericórdia ao aproximar-se da família reunida no pátio da casa e murmurou consigo mesmo.

- Minha amada Anelise, você precisa reagir!

Espantando os pensamentos agourentos ele sorriu ao lembrar-se do grilo verde. 'Esperança'. Uma nesga de perspectiva renasceu no peito dele. E como se aquele inseto tivesse o poder de cura para todos os males, Feliciano apressou o passo em direção à família reunida à sua espera.

- Espero que eles não o tenham esgotado com tanta falação, meu querido.

Após afagar carinhosamente a cabecinha do nenê Feliciano beijou-a nos lábios e falou gracejando com uma piscadela compreensiva.

- Tenho bons ouvidos!

Sorrindo o casal entrou na pequena construção sombria, seguidos de perto pelos pequenos saltitantes. Depois de um breve descanso e uma caneca de café, Feliciano retirou-se para finalizar a sua lida diária. Enquanto Feliciano encarregava-se de alimentar a criação e ordenhar a única vaca leiteira, Anelise finaliza o jantar, com a ajuda de Kamille.

Na pequena propriedade, todos trabalhavam conforme suas forças, mas Feliciano ficava com a carga mais pesada. Os animais domésticos eram tratados com respeito e carinho, por serem de vital importância para a sobrevivência da família.

A agricultura não supria todas as necessidades, por isso os ovos e o leite eram uma fonte preciosa de energia para o crescimento das crianças. Com satisfação Feliciano apreciou com

orgulho os animais recolhidos na estrebaria, principalmente a vaca leiteira, pelo qual trabalhara um ano inteiro para adquirir tão precioso animal. Felizmente a jovem novilha já estava prenha do seu primeiro bezerro, que logo precisou ser vendido para suprir as despesas do nascimento do filho caçula. Com a venda do primeiro bezerro, o sonho de encher o pasto com as crias da vaca viçosa, teria que esperar mais um pouco.

A precariedade do curral não era percebida por Feliciano que estava empenhado em encerrar o trabalho e descansar. O odor do excremento e capim recém-cortado misturava-se a lama do chão no interior do curral, feito de ripas e palha. A sujeira encardia as botas de trabalho, conforme ele andava entre a profusão de galinhas excitadas pelas migalhas de milho caindo da cumbuca transbordante. Finalmente enquanto as primeiras estrelas replicavam o firmamento, Feliciano também recolhia as derradeiras galinhas para a segurança do galinheiro.

Ao adentrar pela porta da cozinha ele sentiu a temperatura do ambiente como um manto terno. A claridade provinda das labaredas sob a chapa do fogão e a chama minúscula do lampião a querosene, pendurado no caibro do teto, mitigavam a escuridão. As sombras alongadas das chamas mostravam as vigas do teto e as paredes da casa enegrecidas pela fumaça do fogão, e ignoradas por seus habitantes. O clima quente e acolhedor era um convite ao descanso.

O bebê dormia tranquilo num caixote de madeira perto do fogão, enquanto Anelise e Kamille preparam um delicioso ensopado de carne com legumes. Feliciano aproximou-se da mesa e examinou os pães recém assados cobertos com uma toalha xadrez, já sentindo água na boca ante o delicioso aroma da refeição.

Jonathan parecia minúsculo, debruçado sobre os braços tentando vencer o cochilo sentado no banco atrás da mesa esperando pacientemente a refeição. Os olhos azuis do pai examinaram o garoto com ternura ao perceber seu encardimento. A fadiga do menino o entristeceu. No rigor da infância ele era arrastado para o roçado o dia inteiro para aliviar a carga da mãe doente. Sempre que podia Feliciano tentava recompensá-lo com aten-

ções, mas a carência e a cara suja do menino iam muito além da falta da mãe.

Percebendo a tristeza do homem honrado, Anelise sentiu o coração sangrar, e agradeceu a sua enorme bondade para com a família. Acima de tudo, pelo carinho e esforço para sustentá-los da melhor maneira possível. Anelise jamais duvidou de sua capacidade de cumprir seu juramento, de ampará-la nas dificuldades e compreendia que a prosperidade provinha da fortaleza de seus braços. Disfarçando a angústia, por ser um peso enorme sobre os ombros do marido, Anelise falou suavemente apontando o filho.

- Porque não o leva para se lavar, enquanto eu coloco o jantar na mesa?

Voltando-se rapidamente Feliciano lhe brindou com um sorriso amoroso. Tocando-lhe a face sedosa com carinho, ele aquiesceu.

- Boa ideia… Estamos famintos e esse cheiro bom, está me matando!

Pegando o filho no colo Feliciano dirigiu-se para a varanda, onde a água fresca despencando da calha feita de bambu transborda o tanque. Sobre os braços vigorosos Jonathan procurava espantar a sonolência com um sorriso lânguido.

- Vamos lá amigão… Vamos ver quem se esconde por baixo desse encardido todo?

Agarrado ao pescoço do pai o garotinho caiu na gargalhada enquanto eles se esfregavam vigorosamente com sabão. Na cozinha, mãe e filha dividem as tarefas para colocarem a comida sobre a mesa de tábuas reforçadas.

Prestativa, Kamille ajudava a mãe nas tarefas domésticas desde que conseguira se firmar nas pernas, principalmente depois da chegada dos irmãos. Naturalmente ela foi adquirindo responsabilidades muito além de seus onze anos, principalmente no cuidado com os meninos. Ao lado da mãe Kamille discorreu faceira sobre o grande achado no roçado.

- Hoje encontramos um enorme grilo verde. Papai disse que é sinal de boa sorte…!

Anelise fitou o rosto sorridente da filha e concordou com seriedade.

- Sim, é verdade! Portanto minha querida, preste bastante atenção; Sorte não é tudo. Também precisamos correr atrás do que queremos!

Kamille ficou pensativa por um momento, depois maneou a cabeça com entendimento. Anelise cortou um pão em fatias generosas e distribuiu aos pratos, enquanto pai e filho entraram limpos e sorridentes. Jonathan reluzia de tão limpo, e agora com as faces coradas e os olhos azuis brilhando iguais os do pai, o menino procurou a aprovação da mãe enquanto sentava-se no banco ao lado de Kamille.

- Você está uma beleza, e deve estar faminto, depois de um dia inteiro no roçado com o papai.

Jonathan sorriu enquanto devorava o ensopado que a mãe colocou no prato.

Durante a refeição o casal se fitava com inconfundível entendimento enquanto a conversa girava sobre as plantações. Observando o amor entre os pais, em sua doce inocência, Kamille sonhava secretamente em encontrar alguém tão lindo e bom como o pai. Quando ele a fitava com seus olhos azuis cheios de bondade, Kamille sabia que era amada. Ao devolver o sorriso seu olhar expressivo demonstra todo o amor recíproco e sem constrangimento.

Ao fim da refeição, Jonathan estava praticamente adormecido sobre o prato. Com um sorriso maroto Feliciano tomou o garoto no colo e saiu rumo ao quarto. Anelise lançou um olhar amoroso ao marido enquanto recolhia os pratos sujos sobre a mesa. Kamille pulou prestativa e com determinação se ofereceu para lavar a louça do jantar.

- Pode deixe por minha conta.

Enquanto falava Kamille observou o bebê despertar e acrescentou.

- Acho que tem mais alguém com fome!

Anelise levantou-se com um suspiro brando, tomou o bebê no colo e saiu rumo ao quarto para amamentá-lo lançando lhe um olhar de agradecimento. No pequeno quarto havia duas

camas grandes, um roupeiro para as roupas do bebê e um baú aos pés da cama. Numa cama dormia o casal, na outra Kamille dividia com o irmão. No espaço restrito, só havia lugar para o berço do bebê encostado à parede sob a janela.

Envolta em pensamentos Kamille sabia que quando fosse dormir todos já ressonavam profundamente, mas ela não se importava desde que a mãe estivesse bem.

Depois de limpar a cozinha, Kamille colocou feijões de molho, descascou um cesto de legumes, cobriu com água e deixou sobre a prateleira de madeira perto do fogão para a mãe cozinhar no dia seguinte.

Em seguida ela descascou e ralou socas de inhame e batata-doce para amassar o pão com fubá e fermento, numa bacia grande de madeira. O pão ficava descansando e crescendo até o amanhecer, quando ia ao forno a lenha. O pão macio e saboroso tornou-se responsabilidade de Kamille desde que Anelise adoeceu. Mas, aos sábados Anelise preparava uma refeição especial para a família. Com a ajuda de Kamille, ela fazia roscas de polvilho, broas de fubá e pudim de aipim. A saborosa refeição começava no desjejum de domingo, antes de irem para a igreja, e terminava com o almoço especial, onde o arroz branquinho, socado no pilão, tarefa das crianças, enriquecia a refeição.

Finalmente quando Kamille terminou seus afazeres, ela preparou seu banho na gamela de madeira, num canto perto do tanque de lavar roupas. Depois de se livrar das roupas sujas ela mergulhou o corpo cansado na água morna com um suspiro de prazer. A desgastada gamela de madeira era grande o suficiente para encobrir seu corpo, então, com a barra de sabão Kamille livrou-se dos resquícios de sujeira e cansaço. Ao se estender na cama ao lado do irmão, todos já dormiam profundamente e antes de terminar suas orações também caia no sono profundo.

Num compasso intermitente os meses transcorriam rapidamente e a saúde de Anelise não dava sinal de melhora, mesmo com as medicações diárias que o médico lhe prescreveu.

Mas a família estava feliz, a lavoura viçosa, rendeu uma boa safra de feijão. A terra fértil em que a família de Feliciano

se assentara, pertencia ao senhor Agostini, mas parecia um tesouro, com água pura em abundância e produzindo frutos promissores. Então com as colheitas fartas Feliciano poderia sonhar com o seu próprio terreno. Para isso trabalhava de sol a sol, com intuito de realizar o seu maior desejo. Porque um homem sem terras, não descansa na velhice e jamais seria um peso nos ombros dos filhos.

Feliciano e Kamille levantavam ao raiar do dia. Enquanto o pai cuidava dos animais, ela ateava fogo no velho fogão e forno de pão. Logo a fornada de pão ficava pronta, assim como o desjejum. Naturalmente Kamille deixava os irmãos se alimentando na mesa da cozinha e levava o café na cama para a mãe, que muitas vezes era acometida por uma fraqueza inerente enquanto o marido empenhava-se em amenizar lhe o sofrimento com os parcos recursos.

O marido procurava livrá-la do rigoroso trabalho, pois sua inanição a tornara fraca, mas era o amor dele e dos filhos que mantinha Anelise sobrevivendo. E em comentários animados Feliciano conseguia transformar as feições da esposa num sorriso esplêndido. Após servir o café da manhã à família, Kamille corria os quase oito quilômetros até a escola, situada no vilarejo.

Devido à saúde precária de Anelise, alguns vizinhos tentavam ajudá-la com o bebê na ausência de Kamille. Porém todos tinham suas próprias lidas diárias na lavoura e domésticas. Susana, a vizinha mais próxima, corria os dois quilômetros de distância para ficar algum tempo com Anelise, até Kamille retornar da escola. No recreio escolar Kamille brinca despreocupada de pega-pega com as crianças, mas quando o sino ecoa no ar no fim das aulas, ela dispara para casa corroída de preocupação.

Felizmente, a aproximação das férias de fim de ano era recebida com alívio, pois Kamille estremecia com a lembrança das vezes que encontrou a mãe caída desacordada perto do fogão ou a beira do tanque. Por isso, ela corria como uma flecha todo o trajeto.

Certo dia, ao observar ao longe a chaminé sem a costumeira fumaça ela estremeceu pressentindo o perigo. Ao ver Jonathan tentando reanimar a mãe com tapinhas e sacudidelas em pleno quintal, percebeu o desalento aterrador.

- Mamãezinha acorde…!

Ante o apelo desesperado Kamille tocou-lhe o ombro ao se aproximar tentando acalmá-lo.

- Acalme-se querido, estou aqui! Corra até a cozinha e traga-me uma caneca de água!

Com um suspiro aliviado Jonathan saiu correndo em direção à cozinha. Entre o borrão de lágrimas Kamille acompanhou os tropeços do menino na correria, mas ele não esmoreceu. Ajoelhada na terra murmurando palavras de conforto Kamille colocou a cabeça da mãe no colo e aguardou o irmão.

Com olhos vidrados Kamille avistou o irmão correr em sua direção enquanto a água borrifava da caneca. Com um sorriso de agradecimento Kamille tomou a caneca das mãos do menino e molhou os lábios descorados da mãe com respingos da água que sobrou.

Com as mãozinhas unidas em fervor, Jonathan aguarda ao lado da irmã, e lhe sorriu aliviado ao perceber que a mãe ia recobrando a consciência. Os olhos de Anelise pousaram nos rostos angustiados dos filhos bem junto ao seu, e num fio de voz ela murmurou tentando se erguer.

- Perdoem-me queridos!

Infeliz Anelise constatou ter preocupado as crianças, outra vez. Ocultando a dificuldade ela ergueu-se e tocou o rosto de Jonathan com carinho.

- Obrigada filho!

Instantes antes de perder a consciência ela já percebe a presença do menino ao lado. Entristecida Anelise observa que as crianças já não brincavam sossegados, estavam sempre alerta. A dor estampada em seus rostinhos feria-a mais que a própria enfermidade se acentuando a cada dia, embora se esforçasse para melhorar.

Por isso procurava seguir as recomendações do médico e das comadres, tomando todo tipo de chá oferecido. As vitaminas

de ovos, mel e vinho, eram oferecidas em garrafas de vidros e ela tomava as doses diárias com a esperança renovada de cura.

Por alguns meses, ela recobra a saúde de forma milagrosa, e procurava levar uma vida normal, mas o alerta parecia rondar a família. Por prevenção, Feliciano também a forçava a uma caneca de gemada todas as manhãs, tentando recuperar lhe as energias. Por vários meses Anelise demonstra vitalidade surpreendente e conversava faceira com as comadres aos domingos, no terreiro da capela, depois de caminhar o trajeto de sua casa até o vilarejo com passos firmes.

Agora quando já parecia recuperada, novos desmaios lança-a ao chão. Disfarçando uma lágrima persistente Anelise apoiou-se nos braços finos das crianças para caminhar em direção à porta da casa. Descansando sobre uma cadeira no interior da cozinha, ela agradeceu confiante.

- Pronto! Meus anjinhos, já estou boa novamente.

Deixando a mãe aos cuidados de Jonathan, Kamille trocou um olhar cúmplice com o irmão e se precipitou em acudir o pequeno caçula que chorava compulsivamente largado no cercadinho. Agarrado a grade, Tiago soluçou ao avistar Kamille vindo em seu socorro, e seu rosto banhado em lágrimas se abriu num sorriso enquanto os bracinhos se erguiam para a irmã. Aninhando-o junto ao peito Kamille o acalentou com palavras de carinho.

Em poucos minutos os soluços foram cessando conforme Kamille secava seu rosto molhado e o nariz escorrendo. Logo, dentro dos olhos aguados do menino o brilho aos poucos foi adquirindo a costumeira faceirice, enquanto a boquinha mostrava os primeiros pequenos dentinhos brancos num soluço aliviado.

Quanto tempo à criança estivera aos prantos Kamille não sabia precisar, mas aquela coisinha linda devia ter sofrido muito com a solidão. Ele estava com quase um ano e meio e já caminhava entre os animais domésticos numa incansável perseguição. Então, ante a fragilidade da mãe, ele vivia encerrado dentro do cercadinho de madeira, feito pelas mãos habilidosas do pai. E colocado perto do fogão a lenha, sob a supervisão do irmão mais

velho, quando a mãe saia para os afazeres no quintal. Tiago precisava de uma supervisão constante, pois em instantes ele se misturava aos animais domésticos e ficava com a cara suja de terra e outras porcarias.

As tarefas diárias de Kamille eram levar o almoço para o pai no roçado, e ir ao moinho do vilarejo, para triturar o milho para o pão, a cada quinze dias. O trajeto de quase oito quilômetros empurrando o carro de mão, que o pai construiu com as sobras de madeiras do paiol, era atribulado, mas ela nem percebia o esforço e ainda dava uma carona para Jonathan, quando seus pés pequenos se arrastavam cansados.

O velho Jacó trabalhava no moinho do senhor Agostini e o valor do trabalho era cobrado com uma porcentagem do produto beneficiado. Kamille levava uma saca cheia de milho e retornava com o fubá pronto no fundo do saco. O senhor Agostini era rígido e estava sempre de olho na lealdade de seus rendeiros. E enquanto Kamille esperava os grãos caírem lentamente sobre a 'prensa das pedras da moenda, impulsionada por uma enorme roda d'água', ela sentava-se num toco de madeira para ouvir os incontáveis causos do moendeiro. O sorriso amarelo do velho Jacó, também contagiava Jonathan que rolava no chão em sonoras risadas.

Finalmente Feliciano sentia os esforços recompensados, pois as safras das colheitas superaram as expectativas. Os grãos estavam quase todos colhidos e acondicionados no paiol para serem ensacados e levados para o armazém do senhor Agostini. Infelizmente o transporte para levar à colheita até o vilarejo, dependia da carroça emprestada do vizinho.

No fim do dia, ao retornar para casa, Feliciano estava cansado, mas esperançoso. Então ao concluir os afazeres na estrebaria ele sempre entrava em casa envolta no aroma do jantar. A bela feição masculina ao se dirigir a esposa e as crianças, demonstrava amor infinito. Então ele beijava e acalentava cada um de seus filhos e tomava a esposa num abraço acolhedor antes de se sentar à mesa para degustar a deliciosa refeição.

A animação de Feliciano logo envolvia a família com a mesma esperança, enquanto a conversa transcorria agitada na

falação das crianças sobre as novidades. O contentamento de Feliciano supera todo o cansaço do trabalho, sua voz mansa e vibrante, jamais se altera ou reprime a família com punição, pois todos conhecem suas obrigações, inclusive as crianças.

Num sábado, ao alvorecer com prenúncio de sol, Feliciano já está com a carroça carregada com as sacas do precioso produto no fim da colheita anual.

Ao batente da porta da casa Feliciano despede-se da esposa com um sorriso esperançoso. Sem conter a alegria Kamille acenou ativamente a mãe e os meninos antes de pular na boleia da carroça ao lado do pai. Instantes depois a casinha ficava para trás como um borrão escuro entre a vegetação, enquanto eles partiam cantarolando animados. O semblante bonito de Feliciano se iluminava enquanto planejava o futuro. E Kamille guardava na memória aqueles incríveis momentos.

Ao fim da transação comercial com o senhor Agostini, Feliciano contou o maço de dinheiros com satisfação. À noitinha, pai e filha voltaram para casa, eufóricos com a nova aquisição da família. Com uma parte dos lucros da safra, Feliciano conseguiu comprar uma carroça reforçada e um magnífico garanhão negro. Acariciando o pelo brilhante do belo cavalo eles deram-lhe o nome de Rustin.

Anelise recebeu-os afetuosamente com os novos planos, e o casal estava animado com a carroça que acabavam de adquirir. Enquanto Kamille alimentava os irmãos na cozinha, mantinha os sentidos voltados à conversa animada dos pais no aposento ao lado. O transporte de seus produtos já não dependia da carroça do vizinho. Agora o cavalo valente conduziria a carroça carregada até o vilarejo.

Ao transcorrer dos meses, Kamille também aprendeu a conduzir a carroça com destreza, e enquanto o pai trabalhava arduamente na lavoura, Kamille negociava as mercadorias com o próprio senhor Agostini e outros conterrâneos. A agricultura variada dava-lhes opções de várias épocas de colheita, enquanto algumas culturas levavam alguns meses para amadurecer, outras precisavam de anos.

Feliciano estava muito orgulhoso da desenvoltura da filha nos negócios se aprimorando a cada ano. Ninguém conseguia enganar aqueles olhos astutos que acompanhavam os rabiscos da soma na caderneta, ao conferir junto com o comprador cada item vendido. A astúcia de Kamille nos negócios intrigava até o velho Agostini, que lhe concedia os melhores preços. Sem perceber a menina era protegida dele, e ninguém no vilarejo se atrevia a passar-lhe a perna. No engenho de farinha, ou na atafona da moagem do fubá eram pesados com extremo cuidado.

As plantações do inverno requeriam maior cuidado, mas no verão, as colheitas eram abundantes. A cada ano Feliciano aumentava a faixa de terra cultivada, a noite ele chegava tão cansado que praticamente dormia sobre o prato do jantar.

Mas era Kamille que conseguia vender tudo que o sítio produzia, desde os grãos que o pai plantava em grande quantidade às hortaliças que ela mesma plantava no quintal. As verduras também variavam de estação em estação, no verão tudo parecia germinar com maior rapidez e viçosas. Enquanto ela tomava conta dos irmãos pequenos também lhes ensinava o valor das hortaliças e a renda extra.

Com a carroça abastecida de hortaliças e sacas de feijão, Kamille convoca os irmãos, Jonathan, já com sete anos, e Tiago com quatro, que em sonolência se arrastavam através do pátio em direção à carroça, permitindo a mãe ficar sossegada em casa.

O cotidiano dos irmãos pequenos também tomava o rumo turbulento com naturalidade. Saindo ao alvorecer, para entregar as mercadorias nas primeiras horas do dia, Kamille ajeita uma cama com cobertores, sobre os produtos no fundo da carroça, para os meninos dormirem durante o trajeto.

Kamille tornou-se a companheira incondicional dos irmãos e ensina-lhes responsabilidades e respeito, além de um pouco de aventura. Sem protestar, os meninos ouvem seus ensinamentos com obediência, sentindo-se cercados com muito amor e carinho.

Os solavancos da estrada íngreme provocavam risadas descontraídas nos meninos ao percorrer o difícil trajeto. Sentados sobre os sacos de feijão, os meninos tentavam conter as

batatas e tomates pulando dos caixotes, e seguiam tagarelando animados pela estrada afora.

Na sala de aula, as crianças com idades diversas, aprendiam a lição, da primeira à quarta série, simultaneamente, com um único professor. Na época, quando o aluno conseguia dominar a matemática e a escrita, já era considerado preparado. Aos quinze anos, Kamille parou de estudar quando a cartilha chegou à última folha. Então, livre da escola, ela podia dedicar-se aos pais e os irmãos, que cuidava como seus.

Capítulo 2

O seu corpo esguio de quinze anos, despontava em contornos inconfundíveis de mulher. Os seios fartos agora já não cabiam nas mesmas camisas apertadas, e para esconder as formas arredondadas, ela começou a usar as roupas folgadas e surradas do pai. Disfarçada na rusticidade das roupas e botas encardidas, a mulher exuberante ficava protegida de olhares impróprios. Além disso, Kamille não tinha consciência dessas mudanças, sabia apenas que já não podia usar as roupas que possuía.

Ela movimentava-se com desembaraço ao tratar de negócios com os homens da vila, e ninguém parecia se importar com o seu encardido. A farta cabeleira loura, ela trazia escondida sob o chapéu de abas largas e as mãos delicadas estavam sempre enfiadas em luvas grosseiras de couro cru.

Sob a aba do chapéu ela esconde seu rubor, ante os olhares sarcásticos e comentários grotescos dos habitantes do vilarejo ao vê lá passar conduzindo a carroça. Os olhos azuis, límpidos e brilhantes, como o sol de verão, eram um privilégio para poucos divisar. Assim como o sorriso rouco e musical, apenas o senhor Agostini conseguia arrancar.

Ao retornarem para casa, a noite já caia densa sobre o terreiro, enquanto Kamille conduz a carroça ao celeiro, os meninos disparam para os braços da mãe saudosa. Ao desatrelar e alimentar o cavalo aguerrido, Kamille agradece baixinho o seu desempenho, enquanto escova o pelo suado de Rustin e banha-o com água fresca. Igual a ela, o cavalo também trabalhava o dia inteiro sem descanso.

Ao fim da lida, ela se encaminha para o banho, e apenas nesses momentos percebe que o corpo já não cabe na tina de água morna. Ao se desfazer das botas e luvas, ela sente-se como se um peso enorme lhe fora tirado dos ombros. Os dedinhos dos pés parecem ganhar vida própria ao experimentar a liberdade. E sorri aliviada ao soltar as madeixas dos cabelos deixando-os

pender soltos sobre a pele alva como um manto de seda. Os cachos flutuam na tina d'água ao serem esfregados vigorosamente com sabão perfumado. Depois de lavar os cabelos e o rosto, ela afunda-se na água com languidez, tentando vencer o cansaço.

Bem lá no íntimo Kamille sonhava com uma vida menos trabalhosa e mais promissora para os pais, porque Feliciano estava se esgotando na enxada dia após dia, e ela não conseguia lhe aliviar a carga. Sonhar com uma vida branda era apenas pensamentos errantes e esquecidos na fadiga diária.

Tiago é um menino bem desenvolvido para seus quatro anos. Seus olhinhos brilhantes buscavam constantemente as atenções da irmã, mantendo-se sempre por perto. O sorriso cristalino dele cativava Kamille e mesmo quando precisava refrear suas travessuras, ela nunca se aborrecia. Os cabelos encaracolados balançavam em cachinhos louros conforme o menino corria atrás dos animais domésticos, que amava.

Envolvido em brincadeiras cheias de energia, Tiago ajudava Kamille na horta, colocando as verduras nos caixotes para acondicionar na carroça.

Indiferente à fadiga juvenil Kamille prosseguia com a sua rotina, saindo todos os dias ao amanhecer acompanhada das crianças. Jonathan frequentava a escola local e misturava-se às crianças com idades diversas. Todas as manhãs, Kamille o deixava no portão da escola e prosseguia para o armazém com o irmão caçula.

Jonathan era um aluno aplicado, já lia e escrevia com desenvoltura no fim do primeiro ano. Apenas na matemática, ele encontrava dificuldades, mas Kamille o ajudava com os deveres, em seus raros momentos de descanso.

No inverno rigoroso também era tempo de fornear a farinha de mandioca, para abastecer a despensa do ano inteiro. Sob a força do valente garanhão, Feliciano e Kamille transportavam a mandioca fresca para fazer a farinha no engenho do vilarejo. As raízes das mandiocas eram acondicionadas na carroça além das laterais erguidas com fueiros feitos de vara. Antes de o sol nascer eles já estavam a caminho e o zunido das rodas da carro-

ça repercutia no plácido amanhecer para vencer o percurso da estrada.

O engenho pertencia ao senhor Agostini, mas era o senhor Tião quem torrava a farinha. Ele era um Homem robusto e atarracado, com cara de poucos amigos, mas Kamille sabia que era apenas pose, porque, por trás da barba vermelha e sobrancelhas cerradas os olhos continham um brilho de bondade. Como pagamento da trituração da farinha, ficava uma pequena fração do produto beneficiado, mas ninguém se sentia lesado.

Depois de deixar as mandiocas no engenho, pai e filha retornam para sua longa jornada diários. Dias depois, a farinha quentinha era ensacada para retornar para casa, junto com o polvilho líquido para secar ao sol. As roscas rechonchudas feitas com o abençoado amido, que Anelise fazia aos sábados, traziam água na boca e um privilégio para quem sabia apreciar.

O farelo fresco, das raízes do aipim espremido, também virava um delicioso cuscuz. Anelise e Kamille se divertiam ao misturar a farofa macia e temperada com açúcar mascavo e cravo da índia. Depois a massa era colocada dentro de um cuscuzeiro com furos no fundo, feito de barro e cozido em banho Maria. Depois de cozido, o cuscuz era fatiado e torrado no forno a lenha. Era uma iguaria muito apreciada no café da manhã.

Numa manhã enquanto o sol despontava por trás dos montes, ao atravessar a praça do vilarejo, Tiago cutucou a mão de Kamille com ansiedade. Observando sua volta Kamille logo percebe o motivo da agitação do menino. Na calçada, em frente ao casarão do senhor Agostini, um raríssimo automóvel preto e lustroso despertava a atenção de toda a comunidade. Através do portão de ferro fundido, a imponente construção situada numa suave elevação de frente a praça principal era a atração da vila. Aquele dia a suntuosidade da construção perdia sua imponência para o automóvel estacionado na calçada.

Contrastando com o automóvel as carroças desgastadas dos colonos, trafegavam descoradas nas estradas ao longo da praça. O carro era uma verdadeira joia cintilando ao sol. Muitos

jovens e velhos, habitantes do vilarejo, nunca tiveram a oportunidade de ver tal preciosidade, do qual tanto se falava.

O senhor Agostini, tinha alguns automóveis, e utilitários, como caminhonete, para transportar as colheitas até a capital, ao centro de abastecimento regional. Ele também tinha um automóvel moderno de passeio, mas nada se comparava a maravilha estacionada na frente da sua casa. Enfim, tudo o que a vista podia alcançar pertenciam a Agostini, homem astucioso, que dividiu suas terras em lotes promissores e arrendou-os para famílias como a de Feliciano.

Dezenas de famílias se sustentam com o fruto do trabalho árduo, enquanto ele apenas conta os lucros da colheita com olhos de águia. Não se podia dizer que ele era um homem ruim ou avarento. Muitas famílias sobreviviam muito bem com os lucros das suas terras férteis.

Kamille parou a carroça e ficou observando o luxuoso automóvel por um momento. Jamais tinha visto nada igual em toda sua vida, nem os carros do senhor Agostini que se destacavam entre as carroças puxadas por cavalos. Intrigada Kamille imaginou ser de algum convidado importante do senhor Agostini, talvez até do exterior. Ela sabia sobre os tais convidados, mas raramente os via de relance através dos canteiros floridos da mansão.

Apesar de ser o homem mais rico de toda a região o senhor Agostini vivia como todos no vilarejo. Suas roupas velhas e desgastadas eram iguais às de qualquer trabalhador braçal. Ao conduzir a carroça através da praça como fazia todos os dias, Kamille se pegou imaginando como eram as mulheres que viviam na riqueza. Deviam ser elegantes e enfeitadas como as que ela viu nas fotos das revistas dispostas no armazém!

Mas ela nem percebe que vive na mais completa pobreza e não sente falta dos vestidos enfeitados com fitas de cetim. Então como se observasse outro ser, fascinava-se com as pessoas estampando as revistas de moda. Por pura curiosidade desejou ver pessoalmente alguém trajado elegantemente. Espantando o devaneio, ela sorriu consigo mesma e seguiu adiante. Enquanto atravessava a praça, percebeu que quase todos os

habitantes da vila estavam circulando por ali em pleno meio da semana.

- Bom dia senhor Agostini.

Kamille o cumprimentou sorridente como sempre. O velho se adiantou para pegar a caixa de verduras que ela trazia nos braços.

- Bom dia Lili! Já lhe disse para você deixar o Pedro descarregar a sua carroça.

Contrariado Agostini colocou a caixa de verduras sobre o balcão e induziu o funcionário com um gesto de cabeça a se apressar na tarefa.

- Obrigada senhor Agostini, mas eu mesma posso descarregar as mercadorias.

O homem respirou profundamente enquanto Kamille voltou à carroça para pegar outra caixa. Discretamente Agostini obrigou o empregado a largar o que fazia no interior do armazém para ajudar aquela garota teimosa. Assim que Pedro se aproximou da carroça abarrotada, inquiriu num tom amigável.

- Como estão às coisas por lá, Lili?

- Bom dia senhor Pedro! Como sempre…! A mamãe está melhor num dia para piorar no outro. Papai já não sabe mais o que fazer.

Kamille olhou em volta e inquiriu curiosa.

- A vila parece em festa; alguma coisa especial?

Enquanto pegava as caixas de cima da carroça Kamille apontou com um gesto de cabeça as pessoas agrupadas em torno da praça. Pedro soltou um riso discreto e falou em tom conspirador.

- As pessoas estão em polvorosa com a chegada do filho do senhor Agostini…

Kamille franziu a testa e olhou em volta.

- Não sabia que o senhor Agostini tinha um filho! Só conheci a filha dele. E já faz um tempão que também saiu do vilarejo… Pelo menos é o que se comenta.

Com um sorriso enigmático Pedro aproveitou para contar a novidade.

- Parece que o rapaz estava no exterior; estudando…! Faz quase vinte anos que ele não retornava ao país…

- Pedro!

A voz de Agostini soou alta dentro do armazém sobressaltando-os. O rapaz pegou algumas caixas de verduras e disparou para dentro do armazém. Intrigada Kamille observou o carro preto do outro lado da praça, perguntando-se, como um filho podia ficar tanto tempo afastado da família? Pegando Tiago de cima da boleia da carroça, Kamille o colocou no chão com uma expressa recomendação.

- Não vá aprontar nem uma das suas hoje; está bem? Não saia de perto do armazém!

A criança olhou-a com um brilho inocente e sorrindo concordou, enquanto Kamille entrava no armazém carregando as caixas de verduras. Depois se dirigiu ao senhor Agostini com semblante interrogativo. Porém cedendo à curiosidade ela exibiu um sorriso cativante, rodando o chapéu na mão e inquiriu prudente.

- Soube que o seu filho retornou a vila…

Agostini ergueu os olhos dos números e a encarou por um momento. Livre daquele horrível chapéu, o rosto delicado de Kamille era uma visão serena ao seu coração insatisfeito. A doçura de sua voz e os lindos olhos azuis reflete a pureza de um anjo. Céus, até ela! Aborrecido Agostini constatou que a cidade inteira parecia fazer a mesma pergunta desde que Demétrio retornou sem aviso ou qualquer explicação. Enfim, com voz indiferente o velho respondeu voltando-se a máquina de calcular.

- Sim menina. A cidade inteira já sabe…

Contrariado Agostini voltou sua atenção ao trabalho como de costume. Ante a indiferença dele Kamille resolveu concluir os negócios e providenciar as compras que a mãe havia encomendado.

Com o dinheiro que recebia com a venda das verduras, Kamille comprava os produtos básicos da casa. Os poucos trocados restantes, eram juntadas às somas da safra para a aquisição das terras, que Feliciano sonhava comprar. Por isso, viviam com

estritamente o necessário e guardavam tudo o que podiam economizar. Mas o pequeno Tiago se regalava com os biscoitos que o senhor Agostini disfarçadamente lhe enchia as mãos quase todos os dias.

A princípio Kamille tentou repelir aquele gesto, mas já não reclamava quando o homem insistia no agrado, pois o garoto se abria num sorriso tão lindo que Kamille se calava, e agradecia timidamente em silêncio.

Desde muito cedo Kamille se acostumou a receber apenas pelo fruto do seu trabalho, nada era dado sem que merecesse por esforço e mérito. Sua vida se resumia em trabalhar desde o alvorecer até o cair da noite sem descanso algum. Talvez o senhor Agostini não conseguisse entender os seus princípios, em não aceitar piedade, pois tinha dois braços para trabalhar, e era assim que pretendia seguir.

Agostini era um homem rico, que mantinham constante vigilância sobre todos os seus negócios diversos. Dono do banco da cidade, e muitos outros espalhados pelo estado, reuniam-se frequentemente com seus investidores e gerentes, ficando a frente das negociações. Ele possuía outras empresas e trabalhadores especializados sob sua total vigilância, e familiares inteiras que dependiam do emprego.

Os serviços diversos, oferecidos à comunidade, também eram seus, e arrendava para pessoas dispostas a remunerá-lo com parte da renda adquirida. Enfim ele era um bom patrão. Agostini era um homem inteligente, sagaz, e via o potencial de um novo empreendimento, como as safras dos pequenos agricultores que ele fez triunfar, ao transportá-las para as grandes cidades.

Sob sua administração os negócios prosperavam, tornando o seu poder aquisitivo grandioso. Algumas pessoas o consideravam avarento, porque ele parecia estar em todos os lugares como uma águia predadora, mas Kamille via-o como um homem trabalhador, que acordava ao amanhecer e percorria os galpões de armazenamento da safra todas as manhãs, além de atender os fornecedores no armazém. Sua luta diária era tão intensa quanto à de qualquer trabalhador rural. Nem a esposa,

mulher sensata, conseguia fazê-lo sossegar. Enquanto Kamille descarregava as mercadorias com a ajuda do senhor Pedro ela tentava imaginar onde todas aquelas pessoas estariam sem o próspero progresso que ele trouxera àquela terra.

Ao se dar conta do sumiço do irmão, Kamille investigou os recantos do armazém, imaginando encontrá-lo de olho em alguma coisa interessante, como sempre acontecia enquanto esperava as guloseimas do senhor Agostini. Possuidor de um coração generoso, Tiago escondia alguns doces no bolso da calça curta, para dividir com o irmão mais velho, depois das aulas.

Agora, com crescente apreensão, Kamille percebeu que o menino não estava por perto. Algo o retinha do lado de fora do armazém. Às vezes o menino encontrava alguma coisa que o distraia, mas logo retornava para o seu lado.

Por fim Kamille abraçou as compras requisitadas de sua lista, de sobre o balcão do armazém e colocou-as no fundo da carroça. Com um breve aceno de mão ela despediu-se do senhor Pedro ao batente da porta, e saiu desarvorada atrás do menino.
Depois de averiguar as calçadas em torno do armazém, onde geralmente ele ficava, ela percebeu com ansiedade que ele havia desaparecido. Sabia que não havia muitos perigos na pacata cidade, mas censurava aquele espírito aventureiro do menino.

Conforme Kamille procura o pequeno bisbilhoteiro em torno da praça repleta de pessoas, não consegue deixar de ouvir alguns comentários depreciadores a sua pessoa. Reunidas em grupinhos discretos as matronas apontavam-na em risinhos sarcásticos, conforme Kamille percorre os canteiros floridos num crescente alarme. Tentando ignorar os mexericos Kamille deitou o chapéu sobre o rosto e seguiu decidida. Há muito deixara de se importar com o que pensassem a seu respeito. Mas as palavras a perseguiam-na.

- Que criatura estranha! Ela parece um homem enfiado nestas roupas esfarrapadas!

- Eu também nunca a vi com os cabelos soltos, está sempre escondido dentro daquele chapéu horroroso… Deve está infestada de piolhos!

Desencorajada a fazer amizade, Kamille passou a ignorar algumas pessoas da vila. Então, com os ombros erguidos ela seguiu indiferente, tendo em mente apenas encontrar o irmão fujão. Aborrecida, Kamille constatou já estar atrasada para a aula de costura com a Dona Amélia. Porque, enquanto esperava Jonathan sair da escola, aproveitava o tempo livre para aprender o ofício da costura, que dona Amélia pacientemente lhe ensinava.

Num repente a praça foi tomada por uma emoção inesperada. Com o coração fremindo no peito ela ouviu altos brados vindos do outro lado da praça, mas foi o choro convulsivo de criança rodeada pela multidão que a gelou até os ossos.

Temerosa Kamille atravessou a praça correndo, enquanto os temores se tornam realidade, ao ver o irmão suspenso no ar pelo cangote, sob o punho cerrado de um homem abrutalhado. Com o coração prestes a sair pela boca, Kamille viu o irmão se debater tentando escapar do agressor. O choro alarmado da criança se fazia ouvir em todo o quarteirão, enquanto o homem gritava e sacudia o menino como um fantoche humano. Kamille parou junto ao desconhecido e falou com os dentes serrados numa fúria cega e desmedida.

- Largue ele…!

O desconhecido apenas a olhou de cima a baixo com desdém e continuou segurando o garotinho no ar. Tiago estremeceu entre lágrimas murmurando-lhe o nome numa súplica desesperada.

Desnorteada Kamille lançou-se sobre o desconhecido com se o demônio a instigasse, chutando e socando-o numa furiosa obstinação, ao homem que tinha, pelo menos, duas vezes o seu tamanho. Com um gemido e rosnar ferino o homem largou a criança e encarou Kamille com espanto. Tiago correu para junto da irmã e agarrou-lhe as pernas tremendo e soluçando assustado. Kamille protegeu-o atrás de si encarando o desconhecido com rancor.

- Como se atreve a agredir uma criança inocente?

Kamille gritou furiosa soltando faíscas e encarando o homem ameaçador. Mas ela não conseguir atinar nada além dos

olhos rancorosos e a carranca do homem enorme a sua frente. O ar de seus pulmões cessou, enquanto a consciência lhe dizia que não era páreo para aquele gigante moreno, mas encarava-o sem fraquejar. Obstinada ela não o deixaria impune pelo terror causado ao irmão.

Seguinte à surpresa de ser agredido por um pivete maltrapilho, o homem estufou o peito enquanto avançava com um brilho selvagem, fazendo Kamille gelar ao retroceder alguns passos. Ela pensou em correr, mas com o irmão agarrado às pernas essa possibilidade estava fora de questão. Rogando uma prece silenciosa Kamille esperou a agressão, então, o som tão ameaçador quanto a iminente agressão, uma voz cortou a atmosfera.

- Posso saber o que está acontecendo aqui?

Para aliviar seu terror, alguém falou as costas de Kamille com frieza e brusquidão dirigindo-se ao desconhecido, que parou e encarou o dono da voz com visível perturbação. Em instantes Kamille viu o 'agressor de criancinhas' perder a soberba diante do homem que interferiu em seu favor. Ofegante Kamille sentia o descompasso do coração e o corpo vibrar em espasmos de aflição e ódio.

Num instante o silêncio reinou entre os curiosos que assistiam a cena numa comoção ruidosa. Juntando-se a Kamille todos aguardavam a explicação sem desviar os olhos do agressor. O truculento desconhecido titubeou ao tentar explicar sua atitude grosseira.

- Este pirralho estava mexendo no carro… Por pouco não o arranhou!

O sujeito tentava se justificar apontando para o lustroso veículo estacionado na calçada, e Tiago soluçando infeliz, mas as faíscas coléricas eram direcionadas a Kamille protegendo o menino com o seu frágil corpo.

- E este aí, deve ser o seu comparsa…!

Rubra de ódio Kamille se arremessou para esganar o brutamonte.

- Oh, seu canalha desgraçado…!

Impedindo-a com rapidez Demétrio se interpôs entre os dois e encarou Kamille com atenção. Ela quase desmaiou quando seu olhar foi atraído para a figura forte e elegante do homem olhando-a diretamente num misto de curiosidade e divertimento.

Instintivamente Kamille tentou se esconder sob a aba do chapéu enquanto os olhos do desconhecido mediam-na de cima a baixo com visível interesse. Kamille desejou que a terra lhe engolisse naquele momento, pois a boca bem-feita do homem se abriu num sorriso discreto ao observar Tiago às suas costas. Num gesto protetor ela escondeu a criança contra o corpo e encarou-o em desafio. Demétrio arqueou uma sobrancelha interrogativa ao notar lhe o furor, e voltando-se ao homem avantajado ele inquiriu com seriedade.

- Então, o que houve aqui Renan?

Sentindo-se encrencado pelo tom de voz do patrão Renan respondeu prontamente.

- Aquele menino estava mexendo no seu carro, patrão…

Kamille não conseguia acreditar que aquele homem agrediu uma criança inocente, por um carro que nem era seu? Aprisionada no olhar penetrante e enigmático do homem elegante a sua frente Kamille não conseguia nem se mexer e se questionou o que ele tentava descobrir sob a aba do seu chapéu, enquanto os olhos negros percorriam-na com interesse.

Intrigado Demétrio perpassa a figura bizarra do moleque de fala fina, imaginando o que aquele franzino pensava fazer com um homem avantajado como Renan? Sabia que o moleque estava nervoso embora tentasse esconder. Ao voltar-se para o empregado Demétrio não conseguia disfarçar o aborrecimento, ante o alarde impróprio, e observando o desespero do rapaz Demétrio perguntou firme.

- E você, não tem nada a dizer?

Tentando controlar o pavor, Kamille respondeu com voz esganiçada. Para o seu próprio desespero e aborrecimento.

- Tenho certeza de que o menino não ia estragar nada…

Num movimento desesperado Kamille pegou Tiago no colo e saiu em disparada pelo meio da multidão, esbarrando em diversas pessoas na confusão enquanto atravessava a praça.

Com o irmão agarrado ao pescoço e as pernas circundando lhe a cintura Kamille só parou de correr quando alcançou a carroça.

- Lili… Eu não estraguei nada… Eu juro.

A criança murmurou em soluços agarrado ao pescoço de Kamille quando ela o colocou sentado na boleia da carroça. Com carinho Kamille beijava-lhe o rosto banhado em lágrimas, e tentando lhe aplacar os soluços ela sorriu.

- Eu sei, meu querido! Pronto; já passou!

Porém enquanto Kamille pulava para a boleia ao lado do garoto repreendeu-o com censura.

- Não falei para não sair de perto do armazém…?

Os olhos azuis de Tiago ainda brilhavam no resquício de lágrimas quando falou tristemente.

- Eu queria vê o carro preto de pertinho…

Compadecida Kamille o abraçou.

- Agora já viu; não?

Kamille sorriu cúmplice piscando-lhe um olho. Tiago sorriu acanhadamente e secou as lágrimas com as costas da mão.

- Vamos ligeiro para a casa da Dona Amélia; ou não terminarei a camisa de papai!

Tiago concordou prontamente enquanto Kamille colocava a carroça em movimento, sem perceber um intrigante par de olhos negros brilhando num misto de surpresa e curiosidade seguindo-a até desaparecer na curva da estrada.

Aborrecido Demétrio olhou em torno para todas as pessoas zanzando por ali àquela hora da manhã, imaginando ser feriado. Os olhares estarrecidos das pessoas sobre a sua pessoa pareciam tão confusos quanto os dele. Com um movimento de cabeça ele convocou Renan para a casa, enquanto atravessava o grande portão e se afastava sentia os olhares das pessoas acompanhando-lhe os passos.

Quando Renan fechou a porta do escritório atrás de si, percebeu o semblante carregado de Demétrio olhando-o com seriedade, sabia que estava encrencado.

- Agora me explique o que presenciei lá fora…!

Rubro de constrangimento Renan titubeou desconfortável ao tentar explicar o óbvio.

- Bem… Quando cheguei lá fora, e vi o moleque passando a mão no carro, perdi a cabeça e corri para tirá-lo rapidamente de perto. A vila inteira parece enlouquecida!

Demétrio suspirou impaciente. Desde que o homem robusto trabalhava para ele jamais o viu agredir alguém. Então ainda não podia crer na cena absurda que presenciara.

- Sei…! E para tirar uma criança perversa de perto de algum objeto é necessário recorrer à força bruta; imagino!

Demétrio pronunciava as palavras com dureza controlada enquanto Renan pestaneja confuso.

- Senhor…? Senhor Demétrio, eu não agredi o garotinho, só quis assustá-lo…

- Sacudindo-o no ar como uma galinha? Tenha paciência. Ele era apenas um bebê!

Incapaz de controlar a aversão ante o homem avantajado tentando se justificar, Demétrio encaminhou-se a janela. Estava embrulhado demais para ouvir desculpas esfarrapadas. Ainda podia ouvir os soluços da criança e o brilho furioso do jovem tentando protegê-lo.

Jamais admitiria tal destempero de um funcionário. No momento estava furioso demais para tomar uma atitude coerente. Também atribuiu a sua irritabilidade a influência da acolhida desastrosa que obteve do seu pai, na noite anterior. A acusação do velho ainda martelava lhe a mente.

‘- Todos esses anos, você não teve tempo nem para uma visita…! Agora que está aqui, diz que veio apenas verificar os seus negócios… E nós! Sua mãe lhe esperou todos estes longos anos! Esqueceu que tem uma família!’ As palavras carregadas de censura não escondiam a mágoa do pai, que desejava apenas abraçar o filho e dizer o quanto o amava. Demétrio não compreendeu a acolhida acalorada, pois não fora ele que o obrigou a acompanhar o tio ao exterior, a fim de estudar?

- Pai, por favor! Quando saí daqui, era apenas um garoto de dez anos, cheio de sonhos. E você não deixou muitas alternativas, quanto as minhas vontades. Nem ao menos perguntou se eu queria partir…

O clima carregado abateu-se no recinto enquanto os homens se encaravam cheios de ressentimentos. Qualquer coisa que dissessem naquele momento só serviria para se magoar ainda mais.'

Os primeiros anos foram um verdadeiro inferno para Demétrio, que não estava acostumado ao isolamento. Foi um período difícil para o garoto solitário adaptar-se aos costumes e linguagens de um país estrangeiro. As regras estreitas dos colégios pareciam não fazer sentido ao espírito livre de uma criança cheia de sonhos coloridos. Porém, o tempo passou rápido demais. Os pais envelheceram, e Demétrio concluiu que perdeu um tempo precioso'.

Perdido em pensamentos, Demétrio sacudiu a cabeça ao fitar o pátio ensolarado e ver a brisa soprar entre os arbustos floridos, quando Renan tossiu discretamente se fazendo presente. Do batente da janela, Demétrio apenas fitou-o por sobre o ombro e o dispensou. Compreendia que havia falhado com a família durante todos aqueles anos ausentes, mas não se imaginava fazendo falta. Uma voz feminina e doce lhe despertou do devaneio.

- Filho, gostaria de conversar com você!

Aquele som suave e carinhoso fez o coração de Demétrio disparar. Voltando-se rapidamente ele deparou-se com o rosto da mãe, fitando-o com os grandes olhos negros transbordantes de candura.

Além do abraço apertado trocado rapidamente na véspera à chegada, o clima conturbado que se seguiu destruiu qualquer oportunidade de diálogo amistoso entre os membros da família. Então Demétrio foi conduzido ao seu antigo quarto devidamente arrumado como havia deixado ao partir. A antiga governanta trazia no semblante a alegria do retorno ao acompanhá-lo para seu antigo aposento com um sorriso acolhedor.

Então frente a frente com a mãe a luz do dia, Demétrio constata que os anos haviam passado para ela. As linhas marcadas do rosto e os cabelos prateados, não ofuscam a beleza feminina, do qual ele recordava. Vencendo a distância que os separa-

va Demétrio a abraçou apertado. Acolhidos no abraço terno ele murmurou baixinho.

- Oi, Mamãe. Senti sua falta!

Depois de um momento nos braços do filho, agora homem-feito, Edite se afastou e o fitou com os olhos brilhando de emoção.

- Não falaremos do que deveríamos ter feito, ou do que não fizemos!

Ela tomou-lhe as mãos e o conduziu ao sofá num dos cantos do escritório com um brilho cheio de expectativa.

- Sente-se aqui pertinho de mim, e conte-me sobre sua vida. Não omita nada, quero conhecer você!

Edite acariciou as mãos do filho com um sorriso cativante, Demétrio devolveu o sorriso com um brilho divertido.

- Então vai ser uma longa conversa mamãe!

- Assim espero!

Capítulo 3

Quando Kamille chegou à casa de Dona Amélia, não conseguiu esconder o rubor das faces nem a tristeza repentina. Ela quase não conseguia se concentrar nos pontos intrincados das agulhas que a mulher faceira lhe ensinava. Na verdade, a costureira estranhou o comportamento distante dos dois, inclusive a apatia do menino sentado nos degraus da porta com olhar ausente. Kamille sempre fora uma menina falante e compenetrada, agora seus dedos tremiam ao enfiar a linha no buraco da agulha.

- Kamille, o que aconteceu?

Kamille fitou-a por um momento. Estava muito chateada, principalmente por causa do irmão, porém resolveu se calar porque a bondosa senhora não poderia ajudar.

- Não aconteceu nada Dona Amélia, não se preocupe!

Para alívio de Kamille ela não insistiu. Sabia que as pessoas não viam além da casca, a sua estava forjada na mesquinharia das matronas esnobes do vilarejo e seus comentários infelizes. Kamille espantou a tristeza e se dedicou ao trabalho. Orgulhosa de seus feitos exibiu a peça de roupa para Dona Amélia dar seu parecer. Analisando a camisa masculina com atenção a mulher sorriu com aprovação e entusiasmo.

- Você fez um bom trabalho Lili…. Nossa, e como você aprende rápido!

Kamille não continha a euforia diante da sua primeira costura.

- Vou fazer um pacote bem bonito. Papai vai adorar.

Animadas com a evolução da costura e o primor do trabalho, as duas fizeram o embrulho com papel colorido e com a ajuda de Tiago, firmando o barbante do laço, elas concluíram o dia.

- Agora vamos tomar um lanche.

Dona Amélia anunciou sorridente enquanto saia apressada para providenciar as iguarias que preparou especialmente

para as crianças. Agoniada Kamille conferiu os ponteiros do relógio recostado à parede da sala e seu badalo de bronze soar meio-dia.

- Obrigada, Dona Amélia, mas não temos tempo, Jonathan já deve estar nos esperando no portão da escola.

- Jesus! Não pensei que fosse tão tarde…. A manhã passou voando!

Sacudindo a cabeça agitada a mulher recomendando enquanto corria até a cozinha.

- Então leve o lanche para comer no caminho.

Ajeitando a máquina de costura como sempre e recolhendo os fiapos de linha do chão, Kamille olhou em volta com satisfação. Instante depois Dona Amélia retornou com os sanduíches e doces caseiros que as crianças adoravam, embrulhados numa toalha xadrez. Com um beijo de agradecimento, Kamille saiu correndo arrastando Tiago pela mão. Então, Kamille acomodou o pacote contendo o precioso presente do pai no fundo da carroça e se pôs a caminho. Ao conduzir à carroça pelas ruas esburacadas as caixas vazias de madeiras para abastecer com as verduras no dia seguinte, quase voavam para fora com os solavancos, mas ela não podia deter o passo, o irmão já devia estar esperando-a sozinho no lado de fora do portão.

Com um suspiro resignado Kamille constatou que para uma coisa ruim, três acontecimentos bons compensam o seu dia. Então ao dividir o saboroso lanche entre os meninos, ela sorriu esperançosa. E ao conduzir a carroça por caminhos tortuosos, onde a vegetação quase fechava a estrada, ela e às crianças cantarolavam animadas e sorriam sem qualquer preocupação.

Kamille agradece a inocências das crianças, que logo esquecem as grosserias dos adultos. Mas ela ainda não conseguia livrar a mente da injustiça cometida contra o seu irmão, nem a imagem do homem elegante interferido a seu favor. Porém o seu olhar indulgente doía como uma bofetada, pois se sentira como um inseto peçonhento, diante daquele olhar inquiridor.

Ela ainda estremecia ao lembrar-se da voz grave, dirigida ao funcionário agressor. Aparentemente o homem formoso, não

aprovou o comportamento desumano do sujeito. Irritada ela recriminou o seu tolo coração por se abalar com o desconhecido. Para o inferno com aquele olhar! Kamille enxotou os pensamentos contraditórios com determinação, pois sabia que não voltaria a vê-lo.

Após descarregar as compras e guardá-las na despensa, Kamille sugeriu a mãe que ficasse com Tiago em casa, enquanto ela e Jonathan iriam para o roçado ajudar o pai. Com um sorriso aprovador Anelise aquiesceu discretamente, a criança estava cansada de ficar zanzando na boleia da carroça todos os dias.

Ao notar o vestido da mãe molhado, Kamille franziu a testa contrariada, ao perceber que ela passara a manhã esfregando as roupas encardidas na borda do tanque. Kamille já havia acertado que ela lavaria as roupas da família, à noite depois do jantar, pois vivia atormentada com a imagem dela caída pelos cantos da casa, embora o tratamento aparentemente estivesse estabilizado ao longo dos anos. Era difícil fazê-la entender suas limitações sem magoá-la!

Ao deixar a cozinha na companhia de Jonathan, Kamille notou a tristeza de Tiago prostrado ao lado da mãe num beicinho contrariado. Certamente ele preferiria a lida do roçado, a ficar trancado em casa.

- Ah Lili! Eu queria trabalhar com papai!

Ao batente da porta Kamille se agachou e falou baixinho tocando-lhe o rosto com carinho.

- Eu sei, mas prefiro que você ajude a mamãe hoje! Porque você não lhe conta a grande novidade, sobre a aventura do carro preto estacionado na praça?

Os olhinhos azuis adquiriram um brilho entusiasmado enquanto ele meneava a cabeça com um risinho cúmplice. Levantando-se ativa Kamille convidou Jonathan a se apressarem.

- Vamos! Papai está nos esperando.

Por sobre o ombro Kamille jogou um beijo ao Tiago e a mãe enquanto saíram com passadas ligeiras levando consigo, além das ferramentas de trabalho, a trouxa com o almoço do pai.

Feliciano ouviu os filhos se aproximarem e sorriu aliviado, pois eles traziam-lhe o almoço e água fresca, para amenizar o calor abrasivo, e o trabalho árduo. Ao largar a ferramenta ele se aproximou dos filhos com passadas largas. Encaminhando-se para uma sombra do aceiro do roçado para almoçar Feliciano brindou-os com um sorriso agradecido.

O sol castigou-o duramente toda manhã e a sombra do 'aceiro da coivara' teria o descanso necessário para continuar o trabalho depois de saciar a fome. Sentados à sombra Feliciano sorriu e inquiriu sobre as novidades do vilarejo, pois já fazia quase dois meses que ele estava enfiado na lavoura sem pausa. Até os tão sagrados domingos estavam sendo sacrificados no acúmulo de trabalho.

- Como foi o seu dia querida? E você ai garotão, como está à escola?

Com discreta indiferença Kamille permitiu que Jonathan contasse as novidades efusivamente. Com os pensamentos distantes Kamille custou a acompanhar a falação do irmão. Mas Feliciano intuiu algo errado. Quando o menino encerrou a esfuziante narrativa dos cálculos matemáticos que aprendera, o pai se concentrou na filha calada demais.

- E você, o que tem para me contar hoje.

Kamille sorriu disfarçando a tristeza, porém a astúcia do pai não a deixaria sem uma boa resposta. Sabia que num olhar detalhado ele mesmo obteria todas as respostas, e ela jamais mentiria para ele. Com expressão preocupada Feliciano se inquiriu quem poderia ter colocado aquele brilho tristonho nos seus lindos olhos? Ao imaginar alguém maltratando seu anjo, Feliciano sentiu o sangue ferver. Controlando a ansiedade ele segurou o queixo da filha procurando o fundo de seus límpidos olhos azul.

- Kamille, o que aconteceu?

Kamille tentou desviar os olhos, mas ele foi categórico. Sem opção ela contou-lhe em detalhes tudo o que aconteceu. Omitindo apenas a impressão que tivera do estranho que interferiu a seu favor. Com o maxilar comprimido, Feliciano indagou contrariado.